



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

CAMPUS LARANJEIRAS

DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA – DMS



**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA EXPOGRAFIA DO PALÁCIO MUSEU
OLÍMPIO CAMPOS EM ARACAJU/SE.**

VILAMI DA PAIXÃO SANTOS

Laranjeiras

2022

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA EXPOGRAFIA DO PALÁCIO MUSEU
OLÍMPIO CAMPOS EM ARACAJU/SE.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Museologia – DMS como requisito para
obtenção do grau de bacharel em
Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Neila Dourado
Gonçalves Maciel.

VILAMI DA PAIXÃO SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA EXPOGRAFIA DO PALÁCIO MUSEU
OLÍMPIO CAMPOS EM ARACAJU/SE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Museologia como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em ____ de _____ de 2022.

Banca Examinadora

Neila Dourado Gonçalves Maciel

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Bahia, UFBA,
Brasil.

Universidade Federal de Sergipe.

Sura Souza Carmo

Mestra em História pela Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil.

Universidade Federal de Sergipe

Joana Angélica Flores Silva

Mestra em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder o poder de estar aqui e agora!

Dedico este trabalho especialmente em memória ao meu pai Aloísio Messias Santos, um homem que viveu além do seu tempo, com ideias revolucionárias e, dentro das suas possibilidades, priorizava a educação. Sentiria orgulhoso por mim! Te amo pra sempre, meu pai!

Agradeço a minha mãe Maria Bernadete da Paixão e as minhas irmãs, Vera, Rosa, Cassia Jane, Juliana e Gabriela e aos meus irmãos, Valter, Mário e Júnior.

Agradeço aos colegas que fiz na UFS e que levarei para vida! São poucos, mas inesquecíveis que são: Horta, Mayana, Milena, Bosco e Luan. Ah, como amei conhecer cada um de vocês!

Agradeço aos docentes do Departamento de Museologia da UFS. A professora Verônica, que me acolheu tão bem no meu primeiro dia de aula! A professora Sura, que amor de pessoa! A professora Neila, lembro que foram dias de ansiedade nas apresentações, seminários, performances! E, enfim, o TCC! Gratidão! Professor Clóvis, professor Platini, professor Fernando Aguiar e o professor Samuel, meu muito obrigada!

Não poderia esquecer da equipe do Palácio Museu Olímpio Campos, pela atenção e gentileza em me receber tão bem, nos dois estágios e na pesquisa para conclusão do curso. Especialmente Isaura Júlia, e Romário Portugal. Obrigada!

E por fim, agradeço a mim, por nunca ter desistido, mesmo em momentos de angústias e ansiedades, sempre acreditei que tudo iria terminar bem!

RESUMO

A presente pesquisa consiste em analisar a presença da representação da mulher na expografia do Palácio Museu Olímpio Campos na cidade de Aracaju/SE desde as entrelinhas à exposição de longa duração. Para se chegar a esta análise foram utilizados documentos de uso interno da instituição, entrevista com a pessoa responsável pela montagem da exposição. A pesquisa buscou evidenciar a ausência da mulher no Palácio Museu Olímpio Campos, e como isso gera impacto na sociedade, inclusive para mulheres sergipanas em não se sentirem representadas em um ambiente majoritariamente masculino. Diante disso, como os museus e a museologia podem contribuir com a diversidade dentro dos espaços de memória.

Palavras-Chave: Palácio Museu Olímpio Campos; expografia; gênero no museu.

ABSTRACT

The present research consists of analyzing the presence of the representation of women in the expography of the Palácio Museu Olímpio Campos in the city of Aracaju/SE from between the lines to the long-term exhibition. To arrive at this analysis, documents for internal use of the institution were used, an interview with the person responsible for assembling the exhibition. The research sought to highlight the absence of women in the Olímpio Campos Museum, and how this generates an impact on society, including for Sergipe women in not feeling represented in a mostly male environment. Given this, how museums and museology can contribute to diversity within memory spaces.

Keywords: palace museum Olímpio Campos; expography; genre in the museum.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LBA	Legião Brasileira de Assistência
PMOC	Palácio Museu Olímpio Campos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Palácio Olímpio Campos antes da reforma feita pela equipe de artistas italianos	17
Figura 2	Fachada do Palácio Museu Olímpio Campos	17
Figura 3	Aparador que pertenceu a família do Barão de Maruim	33
Figura 4	Foto do Barão de Maruim	33
Figura 5	Espaço Fausto Cardoso x Olímpio Campo	34
Figura 6	Galeria dos Vice-Governadores	35
Figura 7	Teto da galeria de arte imagem de mulher negra	35
Figura 8	Teto da Galeria de Arte – Imagem da mulher branca	36
Figura 9	Teto da Galeria de Arte – Mulher Indígena	37
Figura 10	Escadaria com as esculturas em bronze simbolizando as divisas de Sergipe com a Bahia e com Alagoas	37
Figura 11	Obra da artista plástica Rosa Faria	39
Figura 12	Assessoria do governador	40
Figura 13	Quarto Feminino	42
Figura 14	Guarda-roupa e cama de casal	43
Figura 15	Mobiliário do quarto feminino	44
Figura 16	Escrivania e fotografias das mulheres pioneiras na política sergipana	44
Figura 17	Vereadora Maria Carmelita Cardoso Chagas	47
Figura 18	Prefeita Nubia Nabuco Macedo	48
Figura 19	Deputada Estadual Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro	49
Figura 20	Deputada Federal Tânia Soares	50
Figura 21	Senadora Maria do Carmo Alves	51
Figura 22	Vice-governadora Marília Mandarino	52
Figura 23	Beatriz Nascimento	54
Figura 24	Vereadora Linda Brasil	56

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	PALÁCIO / MUSEU – CONTEXTO GERAL.....	14
2.1.	Palácio Olímpio Campos.....	14
2.2.	Palácio Museu Olímpio Campos.....	18
2.3.	As coleções desse acervo.....	20
3.	EXPOGRAFIA E SOCIOMUSEOLOGIA.....	24
3.1.	Expografia: análise no circuito expográfico.....	24
3.2.	Sociomuseologia no âmbito da diversidade nos museus.....	30
4.	A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA SERGIPANA.....	32
4.1.	Gênero no museu: a representação das mulheres na expografia do PMOC, desde as entrelinhas à exposição.....	32
4.2.	Quarto feminino.....	41
4.3.	Mulheres da história política e cultural do estado de Sergipe.....	52
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

O museu, independente do seu acervo histórico, deveria servir como canal de conhecimento para o público que nele compreende que a representação do objeto exposto conecta impressões ao olhar atento do visitante. “Como a poesia não é neutra [...] a ação de valorar objetos de forma a selecioná-los por suas qualidades não é um ato neutro. Os objetos por sua vez, não são neutros” (CURY, 2005, p. 28), para tanto, um dos pontos fundamentais de uma exposição é a comunicação, é através do diálogo entre o objeto e o visitante que se constrói uma narrativa museológica.

Diante disso, o processo de montagem de exposição museológica não cabe a responsabilidade somente aos profissionais que desenvolveram o trabalho, mas ao meio ao qual representa interesses. Entendendo essa observação, Clovis Britto explica que: “é nesse sentido que analisamos os agentes interessados em selecionar estratégias para criação, manutenção e divulgação de determinadas memórias” (BRITTO, 2018, p. 33). Dentro desta perspectiva, é considerado que a seleção de objetos para a montagem da exposição sejam criteriosamente direcionados ao campo do que se pretende produzir.

Se faz necessário perceber os museus enquanto ambientes de reflexão dos problemas que afligem a sociedade e que podem assumir o compromisso de desconstrução no campo da Museologia no que diz respeito a questão de gênero, no caso especificado aqui neste trabalho, a figura da mulher.

O meu interesse pela pesquisa surge a partir do momento em que comecei a estagiar na instituição Palácio Museu Olímpio Campos, enquanto estudante do curso de Museologia cursando o segundo período. Durante esse tempo de estágio, fazendo diariamente a monitoria guiada, percebi que a figura da mulher é apagada e silenciada durante o circuito expositivo. Quase não se fala sobre a representatividade da mulher na construção da história política e cultural do Estado de Sergipe. Me senti incomodada com alguns pontos que me fizeram refletir. Eu, mulher, negra e sergipana, não tinha um sentimento de pertença, de identidade, em um lugar de memória. Diante dessa observação espero contribuir para que as mulheres, assim como eu, possam sentir-se representadas em espaços de salvaguarda de memória, identidade e gênero, compreendendo o museu como sendo um dos principais espaços de memória.

A importância desse trabalho tem a intenção de incentivar reflexões importantes dentro do campo da Museologia Social, no que se refere às questões de gênero. Como a mulher pode ser vista em espaços hegemonicamente masculinos? De que forma as lutas, conquistas e identidades das mulheres sergipanas, podem ser percebidas/vistas dentro da história, independentemente do tempo e do espaço?

Trataremos do Palácio Museu Olímpio Campos, na cidade de Aracaju, Estado de Sergipe, tendo como ponto de partida observar e analisar como foi desenvolvida a expografia da casa museu ou Palácio Museu, além de buscar compreender nas entrelinhas o lugar da representatividade feminina em um universo composto majoritariamente por figuras masculinas, ao tempo que a mulher exerce sua participação ativa na história política, social e cultural do Estado e como tem sido negligenciada nas narrativas museais.

Diante disso, a pesquisa tratará sobre gênero¹ no espaço museal, especificamente na exposição de longa duração do Palácio Museu Olímpio Campos. Tomando como base para a discussão dos temas, abordaremos a indiana Gayatri Spivak (2014), autora da obra “Pode o subalterno falar?”², onde ela trata de uma discussão densa a respeito dessa temática. E, dando continuidade ao embasamento teórico, trabalharemos com Rechena (2011), sobre a abordagem de Museologia e gênero, ou como a figura da mulher é representada dentro dos espaços expositivos dos museus, na contemporaneidade.

Será utilizado como referencial o livro da autora Joana Flores (2017) “Mulheres negras em museus de Salvador: diálogo em branco e preto”, que disserta sobre as exposições de longa duração dos museus de Salvador (BA) e como as memórias das mulheres negras são vistas no campo museológico, e a Marília Xavier Cury (2005) que através do conhecimento teórico condiciona para a concepção e montagem expográfica³.

¹ Convém esclarecer, no entanto, que o âmbito das relações de gênero ultrapassa em muito a relação homem/mulher e entra em campos como a cultura gay, transgênero e transexualidade, andrógina e o chamado terceiro sexo. Isto significa que no estudo de gênero estão englobadas todas as formas sociais e culturais de se <ser humano>, independentemente do sexo biológico ou da orientação sexual (RECHENA, 2014, p. 22).

² O artigo “Pode o subalterno falar?” Publicado primeiramente em 1985, no periódico *Wedge*, com o subtítulo “Especulações sobre o sacrifício das viúvas” (ALMEIDA, 2014, p. 12).

“[...] O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve ‘as camadas mais baixas da sociedade constituída pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem plenos no estrato social dominante’ (ALMEIDA, 2014, p. 13-14).

³ Museografia e expografia são termos em voga, mas mal utilizados e é conveniente esclarecê-los. Museografia é termo que engloba todas as ações práticas de um museu: planejamento, arquitetura e

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia é um estudo de caso, associado aos métodos histórico, bibliográfico e analítico sintético. Inicialmente foram analisados documentos na própria instituição, como o Livro de Estudo (2012), que é utilizado pelos monitores para realizar visitas guiadas, com textos produzidos pela professora Izaura Júlia de Oliveira Ramos, que versam sobre a história do Palácio e consequentemente do Palácio Museu Olímpio Campos.

Foi realizada a entrevista com coordenação de pesquisa do Museu, como meio de obtenção de informações de como foi pensada a narrativa que constituiu a expografia do PMOC. A partir daí, buscou-se compreender como a presença da mulher está inserida no contexto histórico político e cultural do Estado de Sergipe dentro da exposição de longa duração do Palácio Museu Olímpio Campos.

O Palácio Olímpio Campos foi construído no período do Brasil Império passando pela República, e somente no ano de 2010 é transformado em Palácio Museu Olímpio Campos, situado na praça Fausto Cardoso, centro da cidade de Aracaju. A instituição, que tem como sua missão principal expressar a trajetória da vida política dos governadores e suas características, também incorpora a história social e cultural do Estado.

No ano de 2007 a 2010, o Palácio sofreu uma restauração completa, e transforma-se em Palácio Museu Olímpio Campos através da Lei n. 6.874 de 11 de janeiro de 2010, e no dia 21 de maio do mesmo ano, o museu é finalmente inaugurado.

O Palácio-Museu Olímpio Campos, doravante denominado “PMOC” é constituído como uma unidade administrativa, integrante da estrutura organizacional da Secretaria de Estado Geral de Governo SEGG, por meio do disposto no art. 1.º da Lei 6.874 de 11 de janeiro de 2010 e caracteriza-se como instituição de natureza museológica, educacional e política, com o objetivo de preservar os suportes materiais e imateriais da memória histórica, cultural e política de Sergipe, ampliando o conhecimento da sociedade através de pesquisas, e da preservação de acervos patrimoniais, dentro da sua exposição de longa duração, dentro de um conceito contemporâneo e dinâmico da museologia, mostrando que todo ser humano, independente de classe social e nível de formação é um transformador da realidade a partir da relação com o objeto musealizado. (RELATÓRIO DE GESTÃO DE ATIVIDADE, 2019, p. 34).

Com doze anos de existência, hoje é um lugar visitado por turistas de todos os cantos do mundo e com essa iniciativa, devolve a comunidade um dos patrimônios mais importantes no cenário urbano de Aracaju e na História Política de Sergipe. O

acessibilidade, documentação, conservação, exposição e educação. A expografia, como parte da museografia (CURY, 2005, p. 27).

Palácio que serviu como sede de despacho e moradia dos governadores do Estado, sendo o que último que ali passou se fixando como moradia e ambiente de trabalho foi o ex-governador Antônio Carlos Valadares, no ano de 1996.

Depois daí, o seu sucessor Albano do Prado Franco somente despachou na sede até o início dos anos 2000 e depois o Palácio ficou fechado uma década até que o Marcelo Déda (*in memorian*) assume o governo do Estado de 2007 a 2010 e nesse período em que ficou à frente do governo resolve fazer uma restauração completa no prédio, transformando em um espaço de memória da história política do estado.

No primeiro capítulo, trataremos sobre a história do Palácio Olímpio Campos e como se transformou no Palácio Museu Olímpio Campos.

No segundo capítulo, abordaremos uma análise a partir de qual narrativa se construiu a expografia do Palácio Museu Olímpio Campos, com base em informações e pesquisas na própria instituição, através de documentos e entrevistas, na tentativa de entender o espaço atribuído a mulher na exposição de longa duração no que diz respeito a localização do feminino.

E, por fim, no terceiro capítulo é provocada uma reflexão sobre a importância da presença da mulher dentro dos espaços museais, considerando que a figura feminina contribui com o papel social independentemente do contexto histórico.

2. PALÁCIO / MUSEU: CONTEXTO GERAL

2.1. PALÁCIO MUSEU OLÍMPIO CAMPOS

O Palácio Olímpio Campos é um dos patrimônios mais importantes do estado de Sergipe. Fica localizado na praça Fausto Cardoso, no centro da cidade de Aracaju. Idealizado na época do Brasil Império, inicialmente pelo então presidente da província de Sergipe Doutor Salvador Correia de Sá e Benevides, no ano de 1856. “[...] no dia 15 de abril de 1856 demonstrou ao então Ministro do Império ‘a urgência necessidade de construir nesta Capital um Palácio para a respectiva presidência’ (NETO, 1964, p. 80). O palácio provincial fora construído com a finalidade de residência e local de trabalho do governador da província na nova capital, considerando que a mesma já havia sido transferida da cidade de São Cristóvão para a cidade de Aracaju⁴.

O Palácio do Governo da província anteriormente pertencia a antiga capital, mas com a mudança para a nova sede, o presidente da província e responsável pela mudança da capital em 17 de julho de 1855, Inácio Joaquim Barbosa⁵ resolve, mesmo de forma provisória, acomodar o governador da província em um ambiente que passou a ser conhecido Palacete Provincial, que até alguns anos atrás funcionou como Delegacia Fiscal.

Para abrigo do Govêrno Provincial, enquanto da Côrte não chegasse as necessárias providências e até que em definitivo se resolvesse a localização mais conveniente o presidente Inácio Joaquim Barbosa decidiu-se pela construção de uma residência provisória no ângulo nordeste da atual praça Fausto Cardoso, justamente o local ocupado pela Delegacia Fiscal e que passou a ser conhecida com o nome de Palacete Presidencial (NETO, 1964, p. 80).

Foram os responsáveis pelo projeto da construção do palácio os engenheiros Francisco Pereira da Silva e Sebastião Pirro. Porém este projeto não fora aprovado de imediato, foi preciso passar por outras gestões. Novas propostas foram apresentadas e não obtiveram resultados.

⁴ O Palácio Presidencial da cidade de S. Cristovão era tido como um dos melhores palácios presidenciais do País. Esta foi razão muito invocada pelos que combatiam a mudança da capital da província, que teve origem na antiga capitania de Francisco Pereira Coutinho e também o foi, certamente, para que a nova capital se cuidasse logo no seu início da construção de tal edifício, encargo pertencente então ao Govêrno Imperial. A planificação da cidade do Aracaju não parece ter sido cuidada muito antes de 17 de março de 1855, quando nasceu a nova capital (NETO, 1964, p. 80).

⁵ Pouco depois, em outubro do mesmo ano, falecia no Palácio da Estância o desventurado fundador, mal logrando ver delineadas as retas dos primeiros alinhamentos da sua capital nascente (NETO, 1964, p. 80).

[...] Em obediência à mencionada autorização ministerial, encarregou-se aos engenheiros Francisco Pereira da Silva e Sebastião Pirro, engenheiros a serviço da Província da elaboração do orçamento da construção da despesa que a execução de tal construção houvesse de exigir juntamente com as observações que os referidos técnicos julgassem convenientes (NETO, 1964, p. 81).

Diante de várias tentativas, finalmente a construção da sede do Governo Imperial é aprovada na presidência do Dr. Manoel da Cunha Galvão no ano de 1859, sob o comando do engenheiro Francisco Pereira da Silva.

Quando o Dr. Manoel da Cunha Galvão assumiu a presidência da Província logo procurou remover os óbices que vinham impedindo o início da construção em tela. “[...] tomou a deliberação de mandar o engenheiro Pereira da Silva elaborasse um novo projeto, o que fez por ofício em 4 de outubro de 1858. (NETO, 1964, p. 82)

No ano de 1860 o Imperador D. Pedro II, em viagem em terras sergipanas, visitou as obras do Palácio do Governo as quais não estavam concluídas. “Considerando-se, porém, que, quando da visita imperial “[...] os serviços estavam ainda na fase das fundações, ou alicerces que, por certo, compuseram a 1ª secção” (NETO, 1964, p. 82-83).

Contudo, o Palácio ganha maior imponência com a construção do pavimento superior e dessa forma torna um local que supre as necessidades da sede do Governo Provincial. O pavimento térreo foi destinado para funcionar secretarias de governo e no pavimento superior para servir de moradia e sala de despachos do governador. Essas obras foram concluídas em 1863 na presidência do Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça. Conforme consta no documento a seguir:

Com a obra assim modificada’, disse o presidente Tomaz Alves Júnior, ‘acreditar ficar o edificio em condições de satisfazer tôdas as necessidades, porquanto, no pavimento térreo poderão ser acomodadas a Sala de Ordem. Secretaria. Tesouraria Provincial e Correio e no superior existirão cômodos para uma família numerosa. (NETO, 1964, p. 84)

No ano de 1920 o Palácio sofre uma reforma, ano em que o estado de Sergipe completa cem anos de emancipação política. Nessa época, a Missão Italiana que se encontravam no Estado da Bahia, vem para Sergipe a convite do governador General Joaquim Pereira Lobo, especialmente para fazer o ostensivo trabalho de reforma no

prédio. “Do característico neoclássico do período imperial deu lugar ao ecletismo do período republicano”⁶ (CADERNO DE ESTUDO DO PMOC, 2016, p. 2).

Em homenagem ao Monsenhor Olímpio Campos, o palácio é denominado Palácio Olímpio Campos, através da Lei de n. 571⁷ de 12 de julho de 1954. Olímpio de Souza Campos foi uma personalidade marcante na história de Sergipe, passou pela vida sacerdotal e largou a batina para seguir a carreira política, sendo senador da república, deputado estadual e governador do estado. Morreu assassinado na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1906, por questões políticas. “[...] foi morto, apunhalado pelas costas na Praça 15 de Novembro, antigo Largo do Paço, centro do Rio de Janeiro, então capital da República”⁸. A praça onde o palácio fica situado recebe o nome de Fausto Cardoso, como já mencionado, já a praça que fica ao lado oposto, recebe o nome de praça Olímpio Campos, uma homenagem aos dois líderes da política sergipana que tiveram suas vidas interrompidas por questões políticas.

Somente no ano de 1985 o Palácio Olímpio Campos é tombado como patrimônio estadual sob o Decreto de n. 6.818⁹ de 28 de janeiro de 1985, se tornando um dos mais importantes monumentos urbanos da cidade de Aracaju e da arquitetura do período. É considerado uma referência do poder republicano do estado de Sergipe. Carmo e Jesus (2014), definem que,

ao que parece, a maioria dos remanescentes da arquitetura sergipana do século XIX, que são tombados pelos órgãos responsáveis, estão localizados na cidade de Aracaju. Alguns dos prédios, hoje patrimônio do Estado, que estão presentes no centro histórico de Aracaju, tiveram seus projetos realizados após 1822, data da emancipação política do Estado, então província da Bahia. Esses prédios só ficaram prontos em meados do XIX e, em sua grande maioria, seguem o estilo Neoclássico, com acréscimo de elementos decorativos na Belle Époque sergipana (década de 1920), que se torna perceptível ao observar o Palácio Olímpio Campos. É importante ressaltar a proximidade entre os prédios levantados no cadastro de bens tombados, que ficam entre as praças Olímpio Campos e Fausto Cardoso. (CARMO; JESUS, 2014, p. 8)

⁶ Caderno De Estudo – Coordenação De Museologia – Textos Para Os Monitores. Texto da Professora Izaura Júlia de Oliveira Ramo – Coordenadora do Acervo Museológico do PMOC. Aracaju, 26 de março de 2012. Material de uso interno um dos únicos materiais textuais sobre o acervo e a história do Palácio Museu Olímpio Campos.

⁷ Diário Oficial Do Estado De Sergipe, ANO XXXVI – Aracaju, quarta-feira, 14 de julho de 1954.

⁸ Disponível em: <https://www.palacioolimpiocampos.se.gov.br/site/detalhe_noticia.jps?id=119>. Acesso em 01 de fevereiro de 2022.

⁹ Aracaju, 19 de janeiro de 1985 - Terça-feira – Diário Oficial – Nº 19.794.

O Casarão serviu de sede do governo, bem como, residência dos governadores até meados dos anos 90. E na primeira década do novo século é reaberto como Palácio Museu Olímpio Campos.

Figura 1 - Palácio Olímpio Campos antes da reforma feita pela equipe de artista italianos



Fonte disponível em: <<https://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=64601>>. Acesso em 14 de maio de 2022.

Conforme a Figura 1 apresenta, está o Casarão onde os governadores residiam. “A inauguração foi feita em 1863, na presidência do Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça” (PMOC, 2012).

Figura 1 - Fachada do Palácio Museu Olímpio Campos



Fonte disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/12265211/>>. Fotografia: Lineu Lins – Acesso em 14/05/2022.

A Figura 02 mostra a fachada do Palácio Olímpio Campos, após a reforma feita entre os anos de 1918 e 1920. O neoclássico do período Imperial deu lugar ao ecletismo republicano. Essa suntuosidade foi trabalho da Missão Italiana (PMOC, 2012).

2.2 PALÁCIO MUSEU OLÍMPIO CAMPOS

O Palácio Museu Olímpio Campos completou doze anos de existência no dia 21 de maio de 2022. É ainda jovem, mas, tem como principal objetivo referenciar os principais acontecimentos da história política, da cultura e economia do estado de Sergipe, dentro da perspectiva do contexto histórico que compreende do período do Brasil Império, atravessando a República, traçando esse percurso em meio a várias narrativas e muitas memórias. Nesse sentido, é um espaço onde há diálogo com o passado e o presente.

O responsável em transformar o Palácio Olímpio Campos em Museu foi o então governador Marcelo Déda Chagas¹⁰. Depois de uma década fechado, resolve através de órgãos estaduais fazer o trabalho de restauro em todo o prédio, tendo início em 2007 e finalizando em 2010. “Com o objetivo de dar outra funcionalidade ao Palácio Olímpio Campos, transformá-lo em Palácio Museu através da Lei nº. 6.874 de 11 de janeiro de 2010” (CADERNO DE ESTUDO DO PMOC, 2012, p. 40), para dessa forma proporcionar a sociedade local um contato com um espaço importante para o desenvolvimento do Estado de Sergipe, buscando com esta iniciativa valorizar a identidade de ser sergipano/a.

O trabalho de restauro do Palácio Museu Olímpio Campos tentou preservar as mesmas características que possuía no século XX. O *hall* de entrada, local de acolhimento para visitação do museu, é um espaço que segue os mesmos aspectos do ano de 1920, com paredes decoradas com a pintura da flor de lótus.

As colunas permanecem com uma pintura onde se percebe uma grande policromia. O teto, onde foi feita uma pintura pelos artistas italianos no centenário da

¹⁰ Dep. fed. SE 1995-2000; pref. Aracaju 2001-2006; gov. SE 2007-2013. Faleceu em 02 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico-deda-chagas>>. Acesso em 25/02/2022.

emancipação política de Sergipe, sofreu uma modificação no governo de Leandro Maciel¹¹. Como define Neto,

nesta reforma fêz-se nova pintura externa. No interior, no saguão, foi substituída a pavimentação em pastilhas americanas por outras em lajões de mármore. As paredes laterais recebem dois grandes murais de Jordão de Oliveira, versando motivos da produção do Estado. O antigo tecto magnificamente decorado na reforma de 1915 a 1920 foi substituído por um outro muito mais simples, em cujo centro recebeu grande lustre com pingente de cristal. (NETO, 1964, p. 96)

A iniciativa do projeto de restauro no casarão se ocasionou devido a desgastes sofridos durante a ação do tempo. Na ocasião foram feitas reformas em alguns ambientes, higienização, reinstalação hidráulica, elétricas e sanitárias, climatização, instalação de extintores de incêndio, rede de *internet*, desumidificação, dentre outros serviços para a revitalização e recuperação do palácio. Para isso, houve a orientação e técnicas apropriadas de preservação da obra, possibilitando o acesso da população a um local que deixa de representar apenas a sede da política estadual para se transformar em lugar de memória. A arquiteta Tatiana Costa em entrevista concedida no programa “Conhecendo Museus”¹² (2015) fala como ocorreu o trabalho de restauro, conforme descrito abaixo:

Diversas coisas foram pensadas no decorrer inclusive da obra, como a própria adaptação dos espaços e funcionamento do museu, um centro de pesquisa, uma sala de exposição temporária, está foi a maior das restaurações, em 2005 havia já um processo de conservação do prédio e paralelamente foram descobrindo que o estado de degradação era muito maior do que o que se imaginava, então projetos paralelos foram feitos, como o projeto de restauração das fachadas, porque trata de um prédio eclético e por consequência ele tem grande quantidade de ornato, esculturas, guirlandas, florões. O projeto de restauração, ele é uma caixa de surpresa, vai se descobrindo aos poucos. Por ser um prédio tombado, e é claro que tem que ter todo esse cuidado. A própria questão da acessibilidade tem que levar em consideração a preservação da estrutura do prédio, dos seus aspectos históricos e artísticos, então é um desafio sim, trabalhar com um prédio com esse reconhecimento. (Conhecendo Museus – Ep: PALÁCIO – MUSEU OLÍMPIO CAMPOS E INST. GEO. DE SERGIPE)

Muito embora, algumas salas encontram-se fechadas para reformas, sem previsão de reabrir, fato este, que irei mencionar mais adiante dentro deste trabalho.

¹¹ Assumindo o Governo de Sergipe, o engenheiro Leandro Mainard Maciel, em 31 de janeiro de 1955. (URBANO, 1994, p.94)

¹² Conhecendo Museus – Ep: PALÁCIO – MUSEU OLÍMPIO CAMPOS E INST. GEO. DE SERGIPE – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oKV5i28Z8js>>. Acesso dia 13 de maio de 2022.

2.3 AS COLEÇÕES DESSE ACERVO

Em entrevista, a coordenadora de educação e pesquisa do Palácio Museu Olímpio Campos, Isaura Júlia de Oliveira Ramos¹³, com base nas informações fornecidas, relata que “o acervo contém em média entre 1.300 e 1.500 peças, claro que uma parte disso está na reserva” (RAMOS, 2022). Grande parte do acervo pertence a Instituição Governo do Estado de Sergipe. As famílias dos ex-governadores fizeram doações de coleções pertencentes aos próprios governadores, a exemplo de Cabral Machado, Seixas Dória, Paulo Barreto, Arnaldo Garcez, José Rollemberg Leite, para compor à exposição. Ramos (2022) esclarece que,

No geral os objetos pertencem a Instituição Governo do Estado, mas aí teve os objetos do Cabral Machado, que pertenceram a ele, a coleção de Dr. Cabral que hoje não está mais conosco, a metade dela já saiu daqui, teve à coleção de Dr. Paulo Barreto, que ele nos doou, tem à coleção de Seixas Dória, que foi doada pela família de Seixas também, tem a parte da coleção de Arnaldo que também foram doadas pela família dele. Então essas coleções foram formadas assim, então, tem a grande coleção, que é à coleção do Olímpio Campos, que já existia dentro do palácio e as que foram se formando na trajetória do palácio. (RAMOS, 2022)

Dessa forma, a montagem da exposição foi acontecendo de acordo com a necessidade de cada espaço. Coleções doadas, objetos que já pertenciam ao próprio palácio e objetos que foram adquiridos através de compra. Ramos afirma que “a política de compra era pela necessidade, realmente, do espaço” (RAMOS, 2022).

O acervo posto no espaço Galeria de Arte, pertence, em sua maioria, à coleção do Governo do Estado. São telas de artistas plásticos sergipanos a exemplo de Bené Santana, Elias Santos, Eurico Luiz, Horácio Hora, J. Inácio, Álvaro Santos, Jordão de Oliveira, Oséias Santos, Florival Santos, José de Dome, Jenner Augusto, Joubert Moraes, José de Alencar, Antonio Maia, François Hold, Gervásio Teixeira, Antonio Cruz.

Já a obra da artista plástica Rosa Moreira Faria, também sergipana (1917-1997)¹⁴, se encontra no espaço Sala de Assessoria. Segundo Ramos (2022), “mais

¹³ Entrevista concedida por RAMOS, Isaura Júlia de Oliveira Ramos. Entrevista [31 de março de 2022]. Entrevistadora: Vilami da Paixão Santos. Aracaju, 2022. Informações via áudio (celular).

¹⁴ Rosa Moreira Faria, professora, artista, pesquisadora, telegrafista, jornalista, taquigrafe e poeta, nasceu no dia 28 de abril de 1917 em Capela/SE e faleceu em 1º de maio de 1997, em Aracaju/SE. Disponível em: <<https://www.pge.se.gov.br/586>>.

de oitenta por cento das obras era já do Governo do Estado, já fazia parte do governo, digamos assim”.

A curadoria das obras de arte e a montagem da expografia foi feita pelo artista plástico Bené Santana¹⁵, que contou com o auxílio de Débora Kaline¹⁶, que na época trabalhava na instituição. Atualmente não existe uma pessoa responsável pela curadoria do museu, quem faz este trabalho, segundo Ramos, “somos nós mesmos que fazemos este trabalho de curadoria”.

Quando nós montamos, existia um artista plástico, Bené Santana, ele fazia parte de nossa equipe, da equipe de montagem do museu e tínhamos Débora Kaline, que também é artista e ela trabalhava conosco e eles juntos avaliaram as obras. Bené que fazia a seleção, a higienização de todas as ‘nossas’ obras para exposição, então era ele que nos dava suporte. (RAMOS, 2022)

A tela do artista plástico sergipano Horácio Hora que foi produzida no século XIX, com o título “Miséria e Caridade”, está fixada na parede do Salão de Recepção, este objeto pertence a coleção do Governo do Estado e foi adquirida através de um processo de desapropriação. Segundo Ramos (2022),

É uma obra que Horácio fez para o hospital Amparo de Maria lá em Estância, ele fez e doou ao o hospital, mas ela estava lá jogada, então foi vista por alguém que denunciou isso e o governador entrou com o processo de desapropriação e para guardar esta obra, ele trouxe para cá. Hoje ela pertence ao governo do Estado. (RAMOS, 2022)

As coleções pertencentes ao PMOC, em sua maioria, foram transferidas do Palácio do Governo, a exemplo do mobiliário. As obras de arte grande parte

¹⁵ Benedito C. de Santana (Bené Santana) Nasceu em Aracaju em de 09 de março de 1966. Estudou desenho, pintura e gravura na Escola de Belas Artes da Bahia e no Museu de Arte Moderna da Bahia. Desde de 1984 vem apresentando seus trabalhos em mostras individuais e coletivas nos principais espaços de artes na cidade de Aracaju, em Salvador e também no exterior, como Rhode Island (USA). Recebeu diversas premiações em Sergipe, como nas edições do Festival de Arte de São Cristovão de 1986, 1987, 1988, 1992 e 1993. Produziu algumas esculturas que adornam prédios públicos de Aracaju, como os bustos de Genaro Plech, no Conservatório de Música do Estado de Sergipe; Gumercindo Bessa, no Fórum homônimo e o busto do professor Aluísio de Campos, instalado no Campus na Universidade Federal de Sergipe – Professor Aluísio de Campos. Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br>>.

¹⁶ Débora Kaline Santos – Artista Plástica com temática diversa, Designer de interiores, formada pela Universidade Tiradentes, aprovada no projeto Banese de Designer. Possui formação complementar em Arte Educação, pela Faculdade São Luís de França Trabalhou como professora de Arte para jovens e adultos na Associação de Amigos dos Deficientes Físicos de Boquim e como Design Gráfico no colégio Master em Aracaju. Estudante de Artes Visuais pela Universidade Federal de Sergipe. Trabalhou no Palácio Museu Olímpio Campos, onde realizou um projeto gráfico do Catálogo do Palácio-Museu e propôs oficinas de vivências experiências de criação. Participou da exposição no Palácio Museu “Mulheres em destaque na arte sergipana”. Atualmente é Designer Gráfico na Secretaria Municipal de Educação de Nossa Senhora do Socorro. Informações coletadas no Lattes em 30/06/2020. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/3344831/debora-kaline-santos>>.

pertencem ao Governo do Estado, conforme já mencionado anteriormente, algumas foram doadas e outras foram adquiridas através de compra.

Já os objetos que compõem o acervo, como a prataria, louças, lustres, toalhas de mesas e alguns outros casos, foram comprados em antiquários, seguindo a época em que o palácio foi construído. O lustre que se encontra do *hall* de entrada foi adquirido na reforma do Palácio no ano de 1955 e pertence à coleção do Palácio Olímpio Campo. Ramos (2012, p. 6) afirma que, de 1955 a 1959, “o objeto de iluminação que foi colocado no espaço na reforma feita pelo Governador Leandro Maciel, que governou Sergipe. [...] Foi colocado um lustre de cristal com pingentes em estilo eclético”.

Os objetos doados pelo ex-governador Paulo Barretos se encontram na sala de reuniões, expostos em um móvel, contendo alguns objetos pessoais, como a Carteira profissional, passaporte e caneta. E um outro móvel, tipo cristaleira, que contém em exibição conjuntos de medalhas que pertenceu ao ex-governador. “Os objetos estão dentro da cristaleira que são medalhas que o ex-governador Paulo Barreto recebeu quando estava no Governo do Estado no período de 1971 a 1975” (PMOC, 2012, p. 6).

Ainda na sala de reuniões, encontraremos em exposição objetos pertencentes ao ex-governador Arnaldo Garcês (1911-2010), são eles: óculos, porta velas, caneta, uma xícara pequena acompanhada com um pires em cristal, um suporte para colocar xícara, em metal e uma fotografia do governador quando exercia seu mandato entre os anos de 1951 a 1955. Os objetos foram doados pelas famílias para compor o acervo do Palácio Museu Olímpio Campos, conforme mencionado anteriormente.

O piano que está localizado no espaço Salão de Recepção, foi doado pela família do ex-governador Heráclito Rollemberg, por se tratar de um objeto convencional na época e que era utilizado com frequência por famílias tradicionais, como aponta Ramos, “antigamente era normal se aprender a tocar piano, tanto homem, quanto mulher” (RAMOS, 2022). A peça se encontra em exposição em um ambiente onde os governadores faziam suas recepções pessoais e recebiam figuras ilustres.

Diante disso, a expografia do Palácio Museu Olímpio Campos, foi pensada dentro de uma narrativa da história política do Estado de Sergipe, seguindo o ambiente onde os governadores exerciam suas funções de despachos e mantinham uma vida

cotidiana familiar. Ramos (2022) comenta que “o Palácio Museu foi montado, ou a casa-museu foi montada, a partir da história política do Estado”.

3. EXPOGRAFIA E SOCIOMUSEOLOGIA

3.1 ANÁLISE DO CIRCUITO EXPOGRÁFICO

Dentro deste capítulo trabalhei uma análise da expografia do Palácio Museu Olímpio Campos. Conforme mencionado anteriormente, o prédio encontra-se em reforma, sem previsão de data para reabrir, e os espaços poderão sofrer algumas modificações, que não irão alterar o objeto de pesquisa. Os dados aqui coletados foram extraídos de documentos da própria instituição, como o livro de estudo que são utilizados pelos monitores para poderem executar seus trabalhos de guia na visita.

Nas áreas internas do edifício existem 21 (vinte e uma) salas de exposições, sendo que 08 (oito) no pavimento inferior, considerando o *hall* de entrada como espaço analisado e 12 (doze) no pavimento superior.

PAVIMENTO INFERIOR

1. **Hall de entrada** - Comporta dois painéis que foram desenvolvidos nos anos 60 pelo artista plástico Jordão de Oliveira. As imagens retratam elementos do suporte da economia do Estado de Sergipe, tendo no lado esquerdo, as atividades mais antigas como o ciclo da monocultura canavieira e a criação de gado. Do lado direito, atividades historicamente mais recentes, como a cultivo do coco e a produção do sal. A escadaria que manifesta a imponência do palácio, ladeado por quatro esculturas femininas em bronze de autoria do italiano Oreste Gatti, sobre o corrimão, que simboliza os limites do Estado.
2. **Espaço Província** - Este ambiente apresenta os principais elementos que marcaram o período imperial em Sergipe, por meio da exposição de mobiliário, insígnia, documentos históricos e símbolos cívicos. Há também a relação dos Presidentes de Província do período de 1820 a 1889, quando se proclamou a República.
3. **Galeria dos Governadores** - Nesse espaço expõe através de fotografias, os governantes de Sergipe, de 1889 até os dias atuais.
4. **Espaço Olímpio Campos** - Nesse espaço conta a história do Palácio, da mudança da capital da cidade de São Cristóvão para Aracaju no ano de 1855.

5. **Espaço Fausto e Olímpio** - É um dos momentos mais importantes da história política sergipana da disputa entre duas lideranças divididas pelo liberalismo e o conservadorismo. Fausto Cardoso e Olímpio Campos tiveram suas histórias marcadas por lutas e aspirações e culminaram na morte de ambos. Fato que marcou a história política de Sergipe.
6. **Sala Aracaju** - Aracaju é a segunda cidade planejada do país, a primeira é Teresina, no Piauí. Planejada originalmente por Sebastião José Basílio Pirro, seguindo um plano de tabuleiro de xadrez, suas ruas, casas e edificações públicas suplantaram pântanos, braços de rios e areias. Para homenagear a capital sergipana, esta sala mostra registros fotográficos da sua evolução urbana e uma maquete, doada pela Prefeitura de Aracaju, que projeta o desenho arquitetônico da capital entre os anos 20 e 40.
7. **Galeria de Arte** – “O acervo artístico do Palácio Museu Olímpio Campos é um dos maiores do nosso estado”. Nesse espaço os visitantes terão o privilégio de conhecer obras variadas, de temas e gênero diversos criados por artistas plásticos renomados a exemplo do Horácio Hora, Jordão de Oliveira, Jenner Augusto entre outros.
8. **Biblioteca Cabral Machado** – Atualmente nesse espaço funciona três funções, com os seguintes objetivos: Expor o mobiliário que pertenceu ao escritório de Sergipe na cidade do Rio de Janeiro no início da República; Apresentar a Galeria das Vices Governadoras e Vices Governadores do Estado de Sergipe, bem como abrigar a Biblioteca Cabral Machado.

PAVIMENTO SUPERIOR

9. **Sala de espera** – Este ambiente já foi utilizado como sala de espera de pessoas que eram recebidas em audiências pelos governadores.
10. **Sala de reunião** – Neste ambiente era onde os governadores realizavam reuniões importantes que decidiam o futuro do Estado, como a construção do Estádio Lourival Batista, maternidade Hildete Falcão, Banco do Estado de Sergipe, Terminal Rodoviário José Garcia Leite, levando o progresso para os sergipanos.
11. **Sala de recepção** – Neste salão, aconteceram as posses dos ex-governadores e reuniões sociais com a presença de visitantes ilustres,

como o presidente Castelo Branco que esteve em Sergipe nos anos 60. A sacada servia para discursos públicos e pronunciamentos em momentos solenes

12. **Salão Nobre** – Originalmente, este salão era utilizado para receber as mais importantes autoridades. Por aqui, já passaram diversos presidentes da república, embaixadores e cônsules. Também no Salão Nobre se realizavam solenidades de condecoração de personalidades, sobretudo as da Ordem do Mérito Aperipê.
13. **Assessoria do Governador** – Neste ambiente durante muitos anos serviu como gabinete de trabalho dos assessores da política, que além de auxiliar, possibilitaram a preservação e resgate de registros fotográficos e documentais de várias ações de governo.
14. **Secretaria do Governador** – Local onde a secretária do governador exercia seus trabalhos.
15. **Gabinete do Governador** – A cenografia utilizada aqui reproduz fielmente o espaço da década de 50 com a mobília original, fotos e obras de arte. O presidente Gracho Cardoso no ano de 1926 usou a escrivaninha que se encontra no ambiente, em perfeito estado de conservação. Existe um registro fotográfico no local. Neste espaço era onde os governadores despachavam e que também foi utilizado em alguns momentos pelo governador Marcelo Déda quando na sua gestão, mesmo o ambiente sendo o espaço museal, podendo assim abrir exceção de uso do gabinete.
16. **Sala íntima** – A ala residencial do palácio tem na sala íntima o antigo local de descanso, de estudo e lazer dos governadores, o espaço liga o local de trabalho ao principal local de repouso do imóvel o quarto do governador. A mostra cenográfica apresentada neste local procura reproduzir um ambiente da década de cinquenta.
17. **Quarto do Governador** – Neste local foi onde o ex-governador Seixas Dória foi preso pelas forças militares durante o golpe militar de 1964. Após um discurso idealista e pró-democrático. No meio da noite foi acordado e levado para um presídio no estado da Bahia e posteriormente para a Ilha Fernando de Noronha no Estado de Pernambuco onde permaneceu exilado.

18. **Salão de Jantar** – Ambiente ligado a área residencial, era utilizado no dia a dia para refeições dos governadores e seus familiares, mas também cenário de grandes jantares. No ambiente em exposição há registros de alguns momentos de cerimônia como a foto da ex-presidenta Dilma Rousseff em visita ao Palácio Museu em 2013.
19. **Varanda** – A construção original do Palácio não tinha esse espaço. Ele foi criado como uma ampliação do Salão de Jantar, a fim de complementar o espaço em momento de grandes festas.
20. **Quarto I** – O quarto foi utilizado por familiares do governador e quando este, recebia uma visita servia também como quarto de hóspedes. O presidente Castelo Branco foi um dos ilustres hóspedes a utilizar estas instalações. A mobília deste ambiente é toda do século XIX, originalmente produzida para ser o dormitório dos próprios governadores, e neles se vê o brasão original do Estado de Sergipe.
21. **Quarto II** – Neste ambiente tinha a função de dormitório para os familiares dos governadores. “O espaço foi pensado na nova função do prédio, como um quarto utilizado pelas filhas dos governadores, ou seja, um quarto feminino, e na museografia pensada para o Museu o quarto passou a ter como objetivo prestar uma homenagem às mulheres na política sergipana”.

A partir da definição de cada espaço, a comunicação no museu nos possibilita conhecer o que de fato permite aparecer nesse contexto de um ambiente luxuoso, que serve como lugar de memória de figuras ilustres que marcaram a história do Estado de Sergipe e do Brasil. Entretanto, exala um silêncio perceptível diante de um olhar atento de quem anseia compreender a lacuna existente dentro dos espaços de memória.

É por essa razão que, paralelamente à produção de crenças, também se fabricam silêncios e silenciamentos. Portanto, é necessário visualizar os rastros/restos encontrados nas cenas e bastidores desse processo empreendido pelos museus, no intuito de esboçar outra história e inventar o presente (BRITTO, 2018, p. 33).

No espaço Fausto Cardoso e Olímpio Campos, por exemplo, a narrativa para se compreender a história de rivalidade destes dois líderes da política sergipana, é mostrado de forma inovadora através da arte do artista plástico Bené Santana. São pinturas feitas com cada ato praticado desde a discussão dos dois dentro do próprio

palácio até a culminância da morte de Fausto Cardoso, quando foi alvejado com um disparo de arma de fogo por um soldado que fazia a guarda do prédio.

Os textos ali produzidos são de autoria de uma das maiores historiadoras sergipana, Terezinha Oliva¹⁷. O que é lembrado nesse contexto histórico é a luta pelo poder, entre dois homens brancos, dominantes da classe política e que deixaram marcas importantes na história do Estado de Sergipe. Quando Spivak (2010), sustenta que, o termo subalterno é indicado ao sujeito colonial e ao gênero feminino, ou seja, consiste em impossibilitá-lo de qualquer viabilidade de representação. Os museus tendem hierarquizar a figura masculina em relação a figura feminina em suas narrativas expositivas.

Porém, cabe aos profissionais de museus no momento da concepção e montagem da exposição buscar atender ao público de uma maneira geral, e não somente condicionar a proposta hegemônica a qual se manifesta a intenção de referenciar o sujeito e ao mesmo tempo omitir a presença de outrem. Joana Flores entende que “[...] visto que o circuito da exposição condiciona o olhar do (a) visitante aos objetos que os museus intencionam evidenciar hierarquicamente como protagonistas” (FLORES, 2017, p. 28), silenciando fatos que merecem serem destacados ou representados nos espaços expositivos. Cury afirma que,

A exposição é o local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo do público e à sua síntese subjetiva. Esta ideia relativiza o ponto de vista da exposição como meio e como transmissora de mensagens, entendendo a exposição como espaço de construção de valores. Esta mudança de enfoque está determinada a postura dos profissionais envolvidos nos processos de concepção e montagem de exposição. (CURY, 2005, p. 42)

Evidenciar os silêncios presentes nas exposições de longa duração é uma questão importante, que cabe a nós, enquanto sociedade participativa, perceber nas ausências declaradas e não declaradas, o quanto os museus reafirmam o modelo ultrapassado, subalternizando a figura da mulher em ambientes privados da casa. Para Flores,

[...] As instituições, para tanto, devem assumir o compromisso de fazer com que as pessoas que buscam esses espaços se reconheçam enquanto sujeitos a partir de uma realidade que as leve a uma reflexão da sua sociedade, reconhecendo-se como partícipe desse processo. (FLORES, 2017, p. 78)

¹⁷ OLIVA DE SOUZA, Terezinha, Impasse do federalismo brasileiro: Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Partindo do pensamento de Joana Flores, podemos pensar que várias instituições, incluindo nesse contexto o Palácio Museu Olímpio Campos, enquanto lugar de memória teria como atribuição de inter-relaciona-se com a sociedade, fazendo com que o público se reconhecesse dentro da história local.

No espaço Sala da Província o aparador que se encontra em exposição pertenceu a família do Barão de Maruim, Presidente da Província de Sergipe no período de 1855 a 1859. Ramos (2022) aponta que “o aparador foi da família do Barão de Maruim. Por ser um aparador de característica feminina, era usado muito por mulheres para colocar objetos pequenos encima e pelo tamanho do espelho”.

O que chama a atenção para o mobiliário do século XIX, é a aplicabilidade para fins de suporte de objetos, que geralmente era costumeira em dormitório feminino. Nessa perspectiva, a participação feminina encontra-se presente nos discursos produzidos a partir dos espaços de vida social a ela restrito. Para Flores, [quando se refere a mulher negra, mas que podemos trazer para nossa reflexão], afirma que,

Nesse sentido, a ausência de elementos simbólicos que tratem das narrativas e memórias das mulheres negras no âmbito dos museus é ainda expressiva nos discursos que compõem as exposições museológicas de longa duração, por eles estarem voltados a reproduzir fragmentos da história a partir de determinado objeto musealizado, passando esse a ser o único testemunho documental da “memória coletiva” desses grupos. (FLORES, 2017, p. 76)

O Salão Nobre é um dos espaços mais importantes do Palácio Museu Olímpio Campos. Por ali já passaram várias figuras ilustres como os presidentes da República Castelo Branco, Getúlio Vargas, Luís Inácio Lula da Silva e a presidenta Dilma Rousseff. O que é evidenciado neste ambiente, é o trabalho realizado pelos artistas italianos no ano de 1920, o mobiliário que é do século XIX, à arte barroca ao neoclássico.

O museu tem necessidade de ponderar os discursos nas narrativas expositivas, tendo o cuidado para não reproduzir um modelo hegemônico do museu tradicional. Enquanto a nova museologia teoricamente corrobora para um conceito do papel social do museu na contemporaneidade e dessa forma buscando descaracterizar o estigma de invisibilidade da figura da mulher em espaços majoritariamente masculinos.

[...] Refletir sobre o papel social dos museus e como a museologia pode contribuir para o alcance desse objetivo é um princípio básico para que os museus não se escondam em pseudoneutralidade e/ou não recaiam em autoritarismo e/ou paternalismo ou outras formas socialmente indesejadas. (CURY, 2005, p. 29)

3.2 SOCIOMUSEOLOGIA NO ÂMBITO DA DIVERSIDADE NOS MUSEUS.

A Nova Museologia ou Sociomuseologia, se configura teoricamente, pelos princípios de novas formas, em busca da elaboração ajustada com as sociedades contemporâneas, aborda uma discussão sobre o papel social do museu, seus objetivos e práticas, que contou com a participação de profissionais da comunidade museológica na elaboração de documentos importantes para o campo da Museologia da América Latina. São quatro documentos fundamentais.

[...] tem por objetivo divulgar quatro destes documentos, que consideramos fundamentais neste processo, reunidos em uma perspectiva crítica, com o propósito de incentivar sua discussão pela comunidade museológica brasileira. São eles: as conclusões do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativas dos Museus (Rio de Janeiro, 1958), que indicou um objeto de estudo para a Museologia; a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, que introduziu o conceito de museu integral, abrindo novas trilhas para as práticas museais; a Declaração de Quebec de 1984, que sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia e a Declaração de Caracas de 1992, que poderia ser interpretada como uma avaliação crítica de todo este percurso ao reafirmar o museu enquanto canal de comunicação. (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 6)

Contudo, o museu precisa reestruturar velhas práticas de lugar de contemplação e, repensar sobre questões que surgem na sociedade, principalmente no que diz respeito a raça, gênero e classe. Mesmo se passando quatro décadas da Mesa-Redonda em Santiago do Chile, muito pouco temos a comemorar diante do cenário inoperacional das questões que foram discutidas sobre a Nova Museologia. Vejamos algumas dessas resoluções adotadas pela Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Que a humanidade vive atualmente em um período de crise profunda; que a técnica permitiu à civilização material realizar gigantescos progressos que não tiveram equivalência no campo cultural; que esta situação criou um desequilíbrio entre os países que atingiram um alto nível de desenvolvimento material e aqueles que permanecem à margem desta expansão e que foram mesmo abandonados ao longo de sua história; que os problemas da sociedade contemporânea são devidos a injustiças, e que não é possível pensar em soluções para estes problemas enquanto estas injustiças não forem corrigidas; (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 20)

Diante dessa motivação, como a nova Museologia tem se comprometido em se tratando de questões de gênero nos espaços museais? Aida Rechen (2011) entende que a Sociomuseologia surge como uma vertente da Museologia, que trabalha preferencialmente com as pessoas e com ideias, tendo como finalidade a reflexão sobre, e a ainda pode trazer “uma importante contribuição para que o ser humano

ganhe consciência da sua individualidade e para a associação das identidades coletivas”, (RECHENA, 2011, p. 124), a participação da comunidade no museu, a inclusão de uma sociedade mais plural, ou seja, a diversidade.

Para tanto, as narrativas museias são desenvolvidas a partir de um olhar hegemônico nas relações de poder, desse modo, reafirmando o sujeito feminino como um ser secundário na estrutura social. Contribuindo com a permanência do apagamento ao longo da história. Corroborando com o pensamento de Rechena (2011) que,

[...] Sabendo que as mulheres não têm visibilidade histórica idêntica à dos homens e que a valorização da sua participação na construção da sociedade é inferior a valorização do homem e o museu com espaço expositivo ao possibilitar que a mulher assuma a condição de “sujeito” assume o papel interventivo na sociedade proposta pela sociomuseologia. (RECHENA, 2011, p. 222)

Iremos percorrer a expografia do Palácio Museu Olímpio Campos, e revisitar a figura da mulher através de uma obra de arte, de uma poesia, de uma lacuna, de um silêncio, através das coisas ditas e não ditas, nas memórias apagadas e/ou silenciadas.

4. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PALÁCIO MUSEU OLÍMPIO CAMPOS

4.1 GÊNERO NO MUSEU – A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA EXPOGRAFIA DO PMOC, DESDE AS ENTRELINHAS À EXPOSIÇÃO

Durante o circuito expositivo do Palácio Museu Olímpio Campos, poderemos encontrar vestígios da contribuição feminina dentro da história do Estado de Sergipe, seja no campo das artes, na política, na história oral, no patrimônio imaterial.

É importante salientar que a mulher não branca, se encontra encoberta nas narrativas museais, ainda que, suas memórias estejam imbrincadas dentro do contexto histórico. Diante disso, Joana Flores, acredita que os museus teriam como mudar esta realidade, quando argumenta que,

Seria o compromisso dos museus de devolver ao público o direito de escolha, entre conhecer a escravidão estereotipada por uma elite branca ou compreender um período histórico cruel, que se perpetuou sobre a espécie humana por quase quatrocentos anos e que hoje os fatos e os verdadeiros heróis e heroínas estão silenciados nos espaços de preservação da memória. Quando não, ocultaram outros lugares de representação das mulheres negras no que tange a religião o cenário profissional, o campo afetivo, político, cultural etc. (FLORES, 2017, p. 45)

Nesse sentido, os museus precisam pensar em uma museologia inclusiva, que trate sobre discussões abrangentes nas suas narrativas museais, ou seja, um espaço de discussão e reflexão no cotidiano da população, no que tange raça, gênero, religião e classe.

Iremos conferir nas imagens a seguir os espaços que foram analisados e que contribuíram para averiguar os vestígios da presença feminina dentro do circuito expográfico do PMOC.

No pavimento térreo, Espaço Província, como já mencionado, teremos o aparador que pertenceu a família do Barão de Maruim, a peça do século XIX contém características femininas, conforme a Figura 3:

Figura 3 – Aparador que pertenceu a família do Barão de Maruim



Fonte: Acervo PMOC, 2022.

A figura 3 mostra o aparador de formas arredondadas, contraste da madeira escura com o tampo de pedra claro, detalhe da concha na parte superior, espelho de corpo inteiro. O aparador pertenceu a família do Barão de Maruim e encontra-se em exposição no Espaço Sala da Província.

Figura 4 – Foto do Barão de Baruim



Fonte: Acervo PMOC, 2022.

A figura 4 mostra uma foto do Barão de Maruim. “A fotografia é uma réplica digitalizada da original que pertence ao acervo pessoal da Profa. Lúcia e retrata a figura do Sr. João Gomes de Melo, o Barão de Maruim, Presidente da Província de Sergipe no período de 1855 a 1859” (PMOC, 2012, p. 7).

Passando pelo espaço Fausto x Olímpio, poderemos conhecer a história de dois representantes da política sergipana, logo abaixo veremos parte do trecho da história que culminou com a morte de Fausto Cardoso, que narra parte do acontecimento, escrito pela historiadora Terezinha Oliva:

Agarrado violentamente pelo braço Fausto Cardoso descia as escadas, levado o ajudante-de-ordem do general, o tenente Franco, e assistia à morte de Nicolau Albino Nascimento, que se lhe pusera à frente recebendo tiros e golpes de baioneta. Sua indignação chegara ao auge. Na calçada, a tropa formara em linha. Foi para ela a última increpação do deputado: Miseráveis, Exército de bandidos, covardes, atirem, matem um representante da Nação. (OLIVA, 1952, p. 207)

O enredo de um dos mais importantes acontecimentos que marcou a história política do Estado de Sergipe, pode ser acompanhado dentro da expografia do PMOC.

Figura 5 – Espaço Fausto Cardoso x Olímpio Campos



Fonte: Acervo PMOC, 2022.

Como podemos observar, a figura 5 mostra o espaço Fausto Cardoso x Olímpio Campos de forma inovadora através da arte do artista plástico Bené Santana, logo abaixo observa-se trechos de autoria da historiadora Terezinha Oliva, narrando o episódio entre os dois líderes da política sergipana.

Biblioteca Cabral Machado – Nesse espaço está em exposição a galeria das vice-governadoras e vice-governadores, temos em exposição duas mulheres que ocuparam este cargo, a Vice-Governadora, Marília Mandarinó que foi Vice do governador João Alves Filho, no mandato de 2003 a 2006 e, Eliane Aquino que é vice do governador atual Belivaldo Chagas.

Figura 6 – Galeria dos Vice-governadores



Foto: Acervo PMOC, 2022.

A Figura 6 mostra a galeria dos vice-governadores e das vice-governadoras do estado de Sergipe, o mobiliário que se encontra no espaço, pertenceu ao escritório de Sergipe na cidade do Rio de Janeiro quando era a Capital da República.

Entrando na Galeria de Arte, logo ao teto visualizaremos uma obra de artista não identificado, produzido entre os anos 70 e 80 simbolizando o ideal de miscigenação da figura feminina em três momentos, a mulher negra, a mulher branca e a mulher indígena.

Figura 2 - Teto da galeria de arte imagem de mulher negra



Foto: Acervo PMOC, 2022

Na Figura 7, podemos perceber a pintura produzida no teto e a imagem representa a mulher negra, levando em suas mãos algo semelhante a um vaso, seios à mostra, vestida em saias longas e pés descalços.

Figura 3 - Teto da Galeria de Arte – Imagem da mulher branca



Foto: Acervo do PMOC, 2022

A Figura 8 mostra a mulher branca, ao centro do teto, usado um vestido transparente, ramalhetes de rosas sobre o corpo, seios à mostra, simbolizando suavidade nos braços e pernas.

Figura 4 - Teto da Galeria de Arte – Mulher Indígena

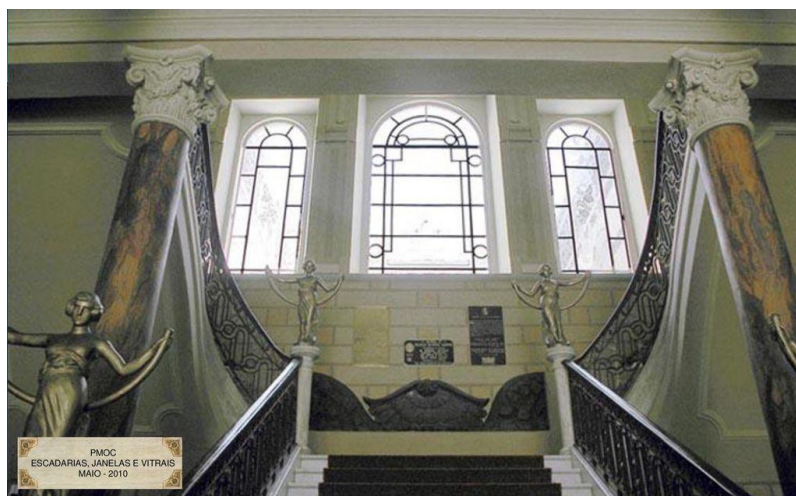


Foto: Acervo PMOC, 2022

A pintura da Figura 9 mostra a imagem da mulher indígena, segurando um lança na mão direita e na mão esquerda algo que simboliza uma caça ou flores.

No pavimento superior, na escadaria teremos a figura de quatro esculturas com características de deusas greco-romanas representando a divisa do Estado de Sergipe com os Estados da Bahia e Alagoas.

Figura 5 - Escadaria com as esculturas em bronze simbolizando as divisas de Sergipe com a Bahia e com Alagoas



Fonte disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/12265211/>>.

Fotografia: Lineu Lins – Acesso em 14/05/2022

Podemos perceber, conforme a Figura 10, a presença das quatro esculturas com características das deusas greco-romanas, seguindo um padrão do estilo de trabalho desenvolvido pela missão Italiana (PMOC, 2012), a escadaria com gradil de ferro todo trabalhado.

No espaço Sala de Espera, no pavimento superior, teremos a renda irlandesa, sob o centro de mesa e em quase todos os móveis que compõem os espaços expositivos do PMOC, a representação feminina está presente na arte do saber fazer das mulheres da cidade de Divina Pastora, cidade do interior sergipano.

Rechena (2011) pontua que,

[...] Também as memórias femininas estão enraizadas nas práticas corporais como forma de transmissão das memórias coletivas das mulheres e esse fato é constatado na intensa relação entre as mulheres e a transmissão do patrimônio imaterial. (RECHENA, 2011, p. 152)

A renda irlandesa é um patrimônio imaterial, tombado pelo Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O que chama atenção é que durante o circuito expositivo no momento da visita guiada, comenta-se sobre a origem, mas não, exploram sobre a importância do trabalho dessas mulheres que contribuíram e, contribuem com a cultura, e, quanto é marcante a representação delas para o patrimônio nacional.

O Salão de Recepção, local onde os governadores promoviam festas e eventos importantes para a sociedade sergipana, “[...] também era muito utilizado no momento das posses dos governadores, já que é acesso para o pátio ou sacada que fica na fachada do prédio” (2012, p. 62). Local de festas, saraus, bailes, posses dos governadores, acompanhados com suas esposas e familiares, em momento da história que, segundo D’incão, (2004) “a mulher de elite começa a frequentar ambientes da vida social”.

As primeiras-damas, que marcaram presença na vida social dos governadores, não se fala sobre essas mulheres nos documentos pesquisados. Segundo Ramos. “Toda primeira-dama era Presidente da Legião Brasileira de Assistência – LBA”. (RAMOS, 2022). E essas mulheres são silenciadas dentro da história do Palácio Museu Olímpio Campos.

A presença da mulher que passou a frequentar ambientes sociais, no início do século XIX. Conforme D’incão (2004) define que,

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que as mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. [...] significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudasse a manter sua posição social. (D'INCÃO, 2004, p. 191-192)

Nesse sentido, o papel que as mulheres exerciam na sociedade, mesmo que de forma simbólica, era de extrema importância para a valorização do homem a continuar mantendo a posição social. No entanto, a vida privada continua sendo o ambiente no qual a mulher desempenha suas atividades cotidianas, exercendo o papel de esposa e mãe dedicada e, talvez por isso, não tenhamos nenhum vestígio dessas mulheres e suas histórias na composição da expografia.

Na assessoria, que é o espaço onde os assessores do governador se reúnem, encontraremos a obra de arte intitulada “Hospital Santa Izabel” (Figura 11), produzida pela artista plástica sergipana Rosa Moreira Faria, sendo a única obra de artista feminina, presente no acervo e, conseqüentemente, em exposição.

Figura 6 - Obra da artista plástica Rosa Faria



Foto: Acervo do PMOC, 2022

Figura 7 - Assessoria do governador

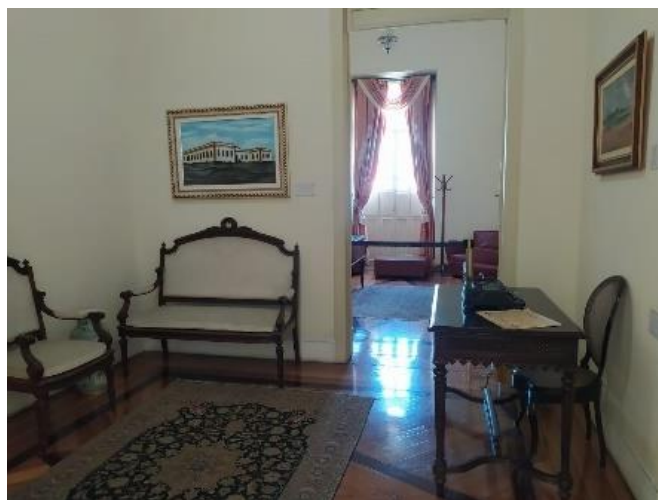


Foto: Acervo do PMOC, 2022

Conforme figura 12, o espaço denominado Assessoria do Governador, local onde os assessores dos governadores se reuniam, os mobiliários são do século XIX, e é nesse local que se encontra a obra da artista plástica Rosa Faria.

O Salão de Recepção, um dos ambientes mais relevantes do Palácio Museu Olímpio Campos, é o espaço que os governadores do Estado (recebem a depender da ocasião, por se tratar de um Palácio Museu, agregou a função de Palácio), personalidades importantes, de todas as partes do mundo. A ex-presidenta Dilma Rousseff esteve em visita ao Palácio no ano de 2013, em reunião com os governadores do nordeste.

Estão em exposição fotografias que marcaram este encontro. Embora sendo a primeira presidenta eleita no Brasil, não se fala sobre este marco da história do país. Fato que reverbera com presidentes da República¹⁸ que visitaram o Palácio e que são lembrados dentro da instituição durante o circuito de visitação.

O Quarto do Governador dá acesso ao Salão de Jantar, seria os espaços onde as famílias que ali residiam, teria um momento de ambiente privado na residência. Este espaço é de extrema importância na expografia do PMOC, pela sutileza nos detalhes que vai da arquitetura a arte francesa, e do mobiliário do século XIX. O espaço também servia para recepcionar convidados oferecidos jantares requintados

¹⁸ Os Presidentes da República que visitaram o Palácio Olímpio Campos, Castelo Branco e o Getúlio Vargas (PMOC, 2012).

Por fim, iremos percorrer o espaço atribuído a representação da mulher no campo da política sergipana. O último ambiente do circuito expositivo do Palácio Museu Olímpio Campos, o quarto feminino.

4.2 QUARTO FEMININO

O quarto feminino, último espaço do circuito expositivo do Palácio Museu Olímpio Campos é onde a mulher é representada. Esse ambiente é destinado para homenagear as mulheres da política sergipana. Ramos (2022) afirma que,

O quarto parte do princípio de homenagear todas as mulheres importantes da nossa política e homenagear as mulheres de uma forma geral, porque a gente colocou objetos ali que eram do século XIX, por exemplo, como a mulher guardava o pó, como ela guardava os anéis, como elas guardavam coisas pequenas no quarto, como guardavam objetos de beleza. A gente sabe que na historiografia a mulher sempre colocava no quarto uma garrafa, as mais pobres colocavam uma moringa, as mais com um poder aquisitivo melhor colocava o que a gente chama de verdor que é aquela moringa de vidro. Então a gente procurou colocar no quarto com esses objetos, partindo do princípio de que, aquele mobiliário todo ele é feminino. (RAMOS, 2022)

Nesse sentido, o ambiente foi pensado para homenagear uma classe de mulheres, nesse caso a mulher branca e de elite, logo, qual o sentimento de pertencimento é direcionado à mulher negra? Flores (2017) entende que os museus tensionam no discurso da preservação e da valorização atribuído à mulher branca. Os museus precisam fazer uma releitura sobre questões sociais para não continuar reproduzindo uma narrativa excludente.

De acordo com os textos produzidos no Caderno de Estudo do Pmoc (2012), se faz uma descrição do espaço e como foi pensada a expografia.

O espaço fica na ala norte, como era chamada antigamente ou lado esquerdo, é de tamanho regular, [...] Junto a esse quarto foi construída uma bateria de sanitários em estilo moderno, que permanece fechado durante visitação. **O espaço foi pensado na nova função do prédio, como um quarto utilizado pelas filhas de governadores, ou seja, um quarto feminino**, e na museografia pensada para o Museu o quarto passou a ter como objetivo prestar uma homenagem às mulheres na política sergipana. O acervo colocado no mesmo é um acervo de época, sendo adquirido alguns objetos para compor o mesmo. (CADERNO DE ESTUDO DO PMOC, 2012, p. 113, grifo nosso)

Dentro dessa análise, o quarto feminino era utilizado pelas filhas dos governadores, enquanto residência, no entanto, com a nova função de casa-museu, foi destinado para ser o lugar de memória das mulheres da política sergipanas. O

espaço privado, doméstico, seria um lugar da representação feminina da política sergipana?

Figura 13 – Quarto feminino.



Foto: Acervo PMOC, 2022.

De acordo com as figuras 13 e 14, ambas relacionadas ao quarto, pode-se perceber no mobiliário a delicadeza nos detalhes de entalhes na madeira, todos os móveis na cor clara. A cama de casal com lençol branco e colcha creme, bem como as fronhas. O guarda-roupa com três portas todas com espelho. Móvel semelhante à uma mesa utilizada para tratamento de beleza, munido basicamente de um espelho e gavetas, sob o móvel está o candeeiro a gás, tem o corpo em vidro de cor rosa com alguns pontos brancos na decoração e, detalhes em flores.

Além do mobiliário, existem os acessórios que compõem o acervo da exposição. Como explica Ramos,

A gente colocou objetos que eram do século XIX, por exemplo, como as mulheres guardavam pó naquela época, como elas guardavam anéis, coisas pequenas no quarto, objetos de beleza. Então foram adquiridos justamente para colocar no quarto a função desses objetos. (RAMOS, 2022)

Estes objetos estão em exposição sob a penteadeira. Conforme o PMOC classifica:

Porta-anel objeto de tamanho pequeno utilizado no século XIX, para armazenamento de objeto feminino chamado anel; Conjunto de Verdô composto por uma garrafa tipo moringa, um pires e um copo, esse conjunto era muito utilizado nos quarto para armazenar água que seria utilizada no período da noite; Perfumaria com tampa objeto de tamanho pequeno, de formato arredondado com tampa, em cristal veneziano com pintura da pasta e vidro branco; Caixa de pó, objeto de tamanho pequeno de forma arredondada, em cristal, com a função de armazenar pó facial, muito utilizado, em fins do século XIX, principalmente pelas mulheres. Pano de renda irlandesa, o objeto é de formato quadrado e de cor rosa e foi produzido pelas

artesãs do Município de Divina Pastora. Caixa de porcelana rosa, o objeto é uma caixinha que guarda joias. O objeto é em porcelana europeia com cenas galantes, de formato arredondado. Caixa retangular de metal dourado. O objeto é uma caixinha, ou pequeno vaso em que se guardavam joias. O objeto é de formato retangular em metal com placa de porcelana. (PMOC, p.113-115)

Nesse sentido, pela descrição acima, parte do modelo adotado na maioria dos museus, quando exaltam uma classe e desfavorecem outra, Rechena (2011) faz um comentário importante quando fala que, “tradicionalmente os museus transmitem às memórias das elites dominantes, reforçam essas identidades elitistas e fornecem a sociedade a legitimação para sua continuidade no poder” (RECHENA, 2011, p. 157). Ou seja, preserva-se a memória da elite branca, excluindo as memórias da classe minoritária, nessa percepção, a figura feminina, principalmente das mulheres não brancas, que não sentem representatividade em um ambiente majoritariamente elitista.

Figura 8 - Guarda roupa e cama de casal



Foto: Acervo PMOC, 2020.

No quarto (Figura 14), o ambiente tem um toque de suavidade nos tons dos mobiliários, sutilezas nos detalhes. Reforça o que Ramos (2022) detalha:

O ambiente foi pensado no próprio mobiliário do quarto, então a gente observou que naquele mobiliário todo ele junto fazia parte de um conjunto único feminino, porque era um mobiliário todo com flores decorativas, então, era um mobiliário feminino (RAMOS, 2022).

Figura 9 - Mobiliário do quarto feminino



Foto: Acervo PMOC, 2022.

Na figura 15, a penteadeira com espelho, móvel semelhante a uma mesa utilizado para tratamento de beleza, munido basicamente de um espelho e gaveta. A cômoda com espelho, móvel com gavetas desde a base até a face superior e, onde se guardavam roupa de cama, roupas íntimas.

Figura 10 - Escrivadinha e fotografias das mulheres pioneiras na política sergipana



Foto: Acervo PMOC – 2022.

Conforme a figura 16, podemos perceber uma escrivaninha, sobre ela um aparelho telefônico, jornais, caderno de anotações, lápis. E ao lado sul da parede do quarto encontra-se afixados as fotografias das mulheres pioneiras na política sergipana, representadas com os seus devidos cargos ocupados e o período.

Com relação a escrivaninha que foi remanejada para este espaço, antes ali, havia um oratório com a imagem de Santo Antônio¹⁹. Conforme Ramos explica que,

Houve alguma interferência de certa forma, por questão de remanejamento de objetos, foi retirado a imagem de Santo Antônio, de lá de dentro e, colocado em outro espaço. Foi colocado dentro do quarto feminino a escrivaninha, que era utilizada também em outro espaço, então houve um remanejamento de objetos que de certa forma interfere na expografia do quarto feminino. (RAMOS, 2022)

A presença da escrivaninha no espaço, deu lugar a uma narrativa expositiva com visibilidade feminina para o poder da escrita. Reformulando o cenário de que as mulheres “foram educadas para serem boas esposas e mães exemplares era o destino socialmente construídos para elas” (FREITAS, 2003 p. 34), considera que o espaço íntimo não exclui as possibilidades que à mulher continue desempenhando suas atribuições na contemporaneidade.

Temos em destaque as mulheres que foram pioneiras na história política do estado de Sergipe. A primeira vereadora, primeira prefeita do estado de Sergipe e do Brasil, primeira vice-governadora, primeira Deputada Estadual, primeira Deputada Federal e primeira Senadora.

Existia nesse Espaço uma fotografia da primeira Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, que ficava exposto sobre a penteadeira. Quando houve o impeachment que ocorreu em dezembro de 2016, esta fotografia foi retirada do local. Como se dessa forma excluísse uma parte da história da memória dos brasileiros. Com isso, torna-se mais evidente o quanto os museus manipulam suas coleções e selecionam quais momentos da história devem preservar.

Em um trabalho desenvolvido por Azevedo; Andrade; Vasconcelos²⁰ (2013), os autores fazem uma referência sobre o espaço,

No primeiro andar do PMOC existe um espaço denominado “Quarto II”. Como a própria nomenclatura sugere era um dormitório, neste caso específico, reservado aos familiares dos gestores que residiam no Palácio. De acordo

¹⁹ Santo António ou Antônio Lisboa, internacionalmente conhecido como Santo António de Pádua. (Lisboa, 15 de Agosto de 1191-1195) extraído do LIVRO DE ESTUDO DO PMOC, 2012

²⁰ VASCONCELOS, Cyndiane Escarlete Dias; AZEVEDO, Dênio Santos; ANDRADE, Talita Raquel. Turismo cultural no Palácio Museu Olímpio Campos: inclusão de surdos e uso da comunicação visual. In: **Anais do Seminário Museus, Cidades e Patrimônio. Laranjeiras**, 2013.

com a informação da guia “A mostra atual presta uma homenagem, neste espaço, às mulheres que tiveram presença marcante na história política do estado de Sergipe, forma pioneiras em suas funções”. Os responsáveis pela organização dos espaços no PMOC inseriram nas paredes deste quarto, fotografias acompanhadas dos nomes e do período em que as mesmas iniciaram e finalizaram as suas primeiras gestões no legislativo e no executivo no estado de Sergipe. Para a surpresa do surdo que fez a visita individual estava ali a fotografia da atual Presidente da República Federativa do Brasil Dilma Rousseff. O mesmo indagou “o que ela está fazendo ali?” “Ela não é gaúcha?” “Ela dormiu aqui?” “Ela exerceu algum cargo aqui em Sergipe?”. A guia um tanto constrangida respondeu que ali era uma homenagem do PMOC e do governo do estado a primeira mulher Presidenta do Brasil. (p. 15)

Partindo do pressuposto que Palácio Museu Olímpio Campos tem como missão expor a história política do Estado de Sergipe, os presidentes da República que estiveram em visita ao Palácio, enquanto sede do governo do Estado de Sergipe, são referenciados e lembrados dentro da exposição de longa duração. E por que não há o mesmo tratamento presidenta, mesmo ela sendo homenageada pelo então governador da época?

Contudo, a participação feminina na política e, aqui sendo lembradas as mulheres sergipanas, iremos conhecer cada uma delas, suas contribuições na política e para a história de Sergipe. Sobre isso, Ramos (2022) acrescenta que

elas são extremamente importantes por terem sido as primeiras mulheres a assumir cargos importantíssimos, por exemplo a prefeita D. Núbia, ela foi a primeira prefeita do Brasil, é um cargo efetivo, é um cargo extremamente importante, é um cargo do executivo, então a importância delas é de extrema importância para a história política do país. (RAMOS, 2022)

Pode-se observar a importância da mulher dentro do contexto histórico, e sobretudo serem lembradas nos espaços de memória, independentemente em qual período da história ou qual cargo ocupa.

Figura 11 - Vereadora Maria Carmelita Cardoso Chagas



Foto: Acervo PMOC – 2021.

A figura 17 representa a vereadora Maria Carmelita Cardoso Chagas em uma fotografia e logo abaixo contém uma descrição escrita “Maria Carmelita de Cardoso Chagas, 1ª Vereadora da Capital Aracaju, de 1946 a 1948, natural da cidade de Gracho Cardoso do Estado de Sergipe”. Formada Normalista, concluiu o curso na Escola Normal. A professora Maria Lígia Pina comenta que,

[...] Em 1945 começa a vida política da professora Maria Carmelita, o que aconteceu ocasionalmente. O candidato a vereador era seu marido, o Sr. Manoel Francisco Chagas [...] não podia ser candidato por incompatibilidade com o cargo de delegado que ele exercia. Foi então lançado o nome de Maria Carmelita. A Campanha não foi fácil. [...] Mas ela não desistiu. Entrou firme na Campanha: distribuía panfletos, falava pelo rádio, participava dos comícios...E venceu. (PINA, 1996, p. 318)

Porém, haverá uma alteração na expografia do quarto feminino, quanto a primeira vereadora eleita no estado de Sergipe. Onde Ramos esclarece que,

Há uma discussão séria da primeira vereadora feminina do estado de Sergipe, que nós colocamos a primeira de Aracaju por ser a Capital, quando a gente inaugurou, mas, agora tem reivindicação de que a primeira vereadora é de Carmópolis, São Cristóvão também diz que é de lá, então estamos fazendo um estudo para que possamos colocar as fotografias das duas em exposição. (RAMOS, 2022)

Figura 12 - Prefeita Nubia Nabuco Macedo



Foto: Acervo PMOC, 2021.

De acordo com a figura 18, a fotografia representando a primeira prefeita eleita no estado de Sergipe, onde logo abaixo existe uma legenda “Primeira prefeita de Sergipe e do Brasil²¹, prefeita do município de Estância, Mandato 1950”.

A prefeita do município sergipano de Estância, Nubia Nabuco Macedo “era a primeira mulher a ocupar a chefia de um executivo municipal não apenas em Sergipe. Mas no Brasil” (PMOC, 2012, p. 117). Essa é a informação que consta no Palácio Museu Olímpio Campos.

²¹ Entretanto, a primeira prefeita do país foi Alzira Soriano, eleita para comandar a cidade de Lajes (RN), com 60% dos votos. Tomou posse no cargo em 1º de janeiro de 1929, conforme dados do site do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <<https://www.tse.gov.br>>.

Figura 13 - Deputada Estadual Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro



Foto – Acervo PMOC, 2022.

Como pode-se observar na figura 19, a primeira Deputada Estadual é representada na expografia em uma fotografia, e abaixo percebe-se a placa com os dizeres “Quintina Diniz, Deputada Estadual por Sergipe, 1935”.

A Deputada Estadual Quintina Diniz, de Oliveira Ramos, naturalizada na cidade de Lagarto, foi criada na cidade de Laranjeiras. “[...] sendo a primeira mulher sergipana a exercer o mandato de Deputada” (PMOC, 2012)

Figura 14 - Deputada Federal Tânia Soares



Foto: Acervo PMOC, 2022.

A figura 20 apresenta a fotografia da deputada Federal Tânia Soares onde abaixo da sua foto tem os seguintes dizeres: “Sr^a Tânia Sares, 1^a Deputada Federal de Sergipe, Mandato 2003”.

Deputada Federal Tânia Soares – natural da cidade de Estância, formou-se em jornalismo na Universidade Tiradentes (UNIT). Iniciou na política no movimento estudantil. Exerceu o mandato de Vereadora de Aracaju entre os anos de 1996 e 2001, e assumiu a Câmara Federal de 2001 a 2003, sendo a primeira mulher sergipana a assumir o cargo. (PMOC, 2012, p. 118)

Figura 15 - Senadora Maria do Carmo Alves



Foto: Acervo do PMOC, 2022.

A figura 21 mostra a Senadora Maria do Carmo Alves sendo representada em uma fotografia, e logo abaixo uma descrição que diz: “1ª Senadora de Sergipe, Mandato de 1998 a 2006”.

Maria do Carmo Nascimento Alves nasceu em Cedro de São João/SE. Coursou o ginásio no Colégio das Freiras da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, na cidade de Propriá/SE. Formou-se em Direito. Iniciou a vida política no ano de 1996.

Figura 16 - Vice-governadora Marília Mandarino



Foto: Acervo do PMOC, 2022.

A figura 22 demonstra a fotografia da Vice-governadora Marília Mandarino, com uma descrição abaixo. “Marília Mandarino, Primeira Vice-governadora de Sergipe, Mandato, de 2003 a 2006”. Marília Mandarino exerceu o mandato de Vice-governadora do governador João Alves Filho entre os anos de 2003 e 2006.

4.3 MULHERES DA HISTÓRIA POLITICA E CULTURAL DO ESTADO DE SERGIPE.

As mulheres sergipanas começaram a seguir carreira política na década de 30, como a vereadora Quintina Diniz, que foi eleita no mesmo período em que a mulher conquista o direito ao voto. Pina (1994) argumenta que, “Nos últimos anos do nosso século e na década de 20, o Movimento Feminino se intensificava.” (PINA, 1994, p. 142). As sergipanas tiveram suas contribuições não somente na representação política, mas em outros segmentos, Almeida e Júnior diz que,

no início do século XX, em algumas localidades, como exemplo a cidade de Aracaju surgiram clubes recreativos, projetados pela elite e destinados a uma parcela diminuta da sociedade. Logicamente, as mulheres que tiveram acesso a esses ambientes eram consideradas personalidade intelectuais do cenário social sergipano. Essas mulheres também se destacavam pela ocupação de outros espaços, devido ao acesso a uma educação diferenciada, a uma cultura letrada e, também, pelo fato de estarem engajadas em movimentos sociais, principalmente os das lutas feministas em prol da emancipação da mulher. (ALMEIDA; JUNIOR, 2017, p. 1016)

Nesse sentido, as mulheres que passaram a frequentar espaços públicos no início do século XX, são mulheres que tiveram acesso à educação e iniciaram uma nova perspectiva de mudança na estrutura da sociedade, com os movimentos feministas e participações artísticas. Como os autores define.

Nas festas dançantes do Club Sportivo Feminino, percebe-se que, o lugar do baile ampliava-se para além da dança, tomando uma configuração de palco de expressividades artísticas, culturais e intelectuais. Estas eram representadas de diversas maneiras com a participação de vários personagens da sociedade local. (ALMEIDA; JUNIOR, 2017, p. 1021)

Percebe-se que a cultura estava presente nesse contexto histórico e que as mulheres participavam dessa representação artística, a exemplo de Laura Rocha²² demonstrava sua habilidade com a pintura e o desenho, Leyda Regis que referenciava seus versos (ALMEIDA; JUNIOR, 2017).

Segundo Pina (1994),

Leyda Regis ingressou na carreira do magistério lecionou durante os anos de 1925 a 1926. No ano seguinte foi nomeada “oficial de Gabinete da Instituição Dr. Glaudemir Silva”. É fundadora da Revista “Sergipe Artífice”, fundou também o Grêmio Cultural “Professor Francisco Travasso”. Pioneira do desporto feminino e fundadora do Desportivo Feminino, “tendo jogado vôlei e basquete pelo Sergipe Sport Club”. (PINA, 1994, p. 323-324)

Percebemos que Leyda Regis obteve várias conquistas durante a sua trajetória de vida e que deveria ter suas memórias preservadas, para que a sociedade sergipana passasse a conhecer o passado de figuras femininas tão importantes para o estado de Sergipe.

Há tantas outras mulheres importantes e que contribuíram com a educação e com a cultura do estado, a exemplo de Etelvina Amália de Siqueira, a notável professora e escritora, formadora de várias gerações de mulheres que engrandecem a cultura sergipana (PINA, 1994, p. 181).

²² Não foram encontradas referências.

A autora continua a referenciar mulheres sergipanas e suas contribuições para a sociedade local,

Rosa Moreira Frião (1860 – 1938) “[...] foi também poetisa e escritora”. “[...] destacou-se no magistério, tendo sido professora de grandes intelectuais sergipanos, como Gracho Cardoso”. “[...] é avó materna de Rosa Moreira Faria, a renomada artista plástica sergipana” (PINA, 1994, p. 189)

Dentro desse contexto, podemos perceber que a cultura e a educação estão presentes em terras sergipanas, ao longo da história. Vale frisar que, por conta dessas mulheres fortes, não podemos deixar de destacar a historiadora Maria Beatriz do Nascimento, que nasceu na cidade de Aracaju, no ano de 1946, se mudou para o Rio de Janeiro em 1949, com seus pais, suas irmãs e irmãos (PINN, 2020).

Figura 23 – Beatriz Nascimento



Fonte: Arquivo Nacional.

Além de historiadora, Beatriz Nascimento lutou por causas sociais, atuante nos movimentos negros, sendo a pioneira defensora dessa causa. Pinn comenta que,

em suas produções acerca dos quilombos, Beatriz subverte em lócus de enunciação da História do Negro no Brasil, a autora, assume metodologicamente o estudo do negro brasileiro em detrimento dos estudos de descendentes de escravos. Possibilitando, com isso, outras formas de pensar o negro na sociedade, assim como a própria realidade histórica brasileira. (PINN, 2020, p. 150)

Compreendendo que “ser negro” não exclui a participação como ser social. Nesse sentido, Beatriz Nascimento é uma mulher importantíssima dentro dessa atualidade a nível de movimentos negros. É preciso que as novas gerações de militantes não esqueçam o valor do trabalho dessa mulher.

Contudo, o trabalho dos museus, atuando com as novas formas de pensar a Museologia precisam repensar como preservar a memória das mulheres que contribuíram e continuam contribuindo para a história, política e social do Estado de Sergipe e do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento desta pesquisa, que teve como objetivo principal observar e analisar como foi desenvolvida a expografia do Palácio Museu Olímpio Campos e compreender nas entrelinhas o lugar de representatividade da mulher em um ambiente composto majoritariamente por figuras masculinas, ao tempo que a mulher exerce sua participação ativa na história política, social e cultural do Estado e se tem sido negligenciada nas narrativas museais.

O que podemos observar é que nas entrelinhas da exposição de longa duração a mulher se faz presente, seja em uma escultura, em uma obra de arte, em uma poesia, na arte do saber fazer, na história oral e, principalmente, na história política Sergipana. São elas que estão presentes nos espaços mais importantes do Palácio, mesmo que invisibilizadas, sobretudo na relevância das narrativas.

Acredito que o objetivo principal da pesquisa é trazer reflexões sobre como os museus necessitam repensar junto com a Museologia, uma sociedade plural, onde a diversidade esteja presente nas narrativas expositivas. Independente da cor da pele, do sexo, do gênero, e classe social.

Figura 24 – Vereadora Linda Brasil



Foto: Laila Batista.

Temos no estado de Sergipe Linda Brasil, a primeira vereadora mulher trans, mas que não se encontra no espaço onde as mulheres da política sergipana são homenageadas na expografia do Palácio Museu Olímpio Campos. Nesse sentido, a Museologia precisa ser atuante dentro desse contexto e fazer esperar novas perspectivas para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marlaine Lopes, JUNIOR, Coriolano Pereira da Rocha. Representações femininas em festas dançantes em Aracaju no início do século XX: Educação e Sociabilidade. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 1013-1024, jul/set. de 2017. Disponível em: <[https://seer.ufrgs.br/article>viewFile>pdf](https://seer.ufrgs.br/article/viewFile)>.

ARAÚJO, Marcelo Mattos Araújo, BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo Comitê Brasileiro do ICOM**, 1995.

BRITTO, Clovis Carvalho. **Gramática expositiva das coisas**: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita – Salvador: EDUFBA, 2018

CARMO, Sura Souza, JESUS Priscila Maria. Aracaju do século XIX: remanescentes da arquitetura na contemporaneidade. **IX Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE**. O cinquentenário do golpe de 64, Aracaju, 21 a 24 de outubro de 2014 – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Disponível em: <[http://encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/37/1408140664ARQUIVO ArtigoANPUH-SE.pdf](http://encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/37/1408140664ARQUIVO%20ArtigoANPUH-SE.pdf)>. Acesso em 16 de abril de 2022.

Conhecendo Museus – YOUTUBE – 21/05/2015 Ep: PALÁCIO – MUSEU OLÍMPIO CAMPOS E INST. GEO. DE SERGIPE- Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=oKV5i28Z8js>>. Acesso em 14 de abril de 2022.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo, 2005.

D'INCÃO, Maria Ângelo. Mulher e família burguesa. In: PRIORI, M. D.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p.187-200.

FLORES, Joana, **Mulheres negras e museus de Salvador**: diálogo em branco e preto. Salvador: Halley S.A Gráfica e Editora, 2017.

FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX, 2003

NETO, Urbano Lima de Oliveira, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 26, 1961-1965 – vol. XXII.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na História**, Aracaju: FUNDESE ,1994.

PINN, M. L. de G. Beatriz Nascimento e a invisibilidade negra na historiografia brasileira: mecanismo de anulação e silenciamentos das práticas acadêmica e intelectual. **Revista Aedos**, [S. l], v. 11, 25, p. 140-156, 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/96888>>. Acesso em; 28 de maio de 2022

PMOC, **Caderno de Estudo** – textos da professora Isaura Júlia Ramos – Coordenadora do PMOC, Aracaju, 26 de março de 2012.

RECHENA, Aída Maria Dionísio. **Sociomuseologia e gênero**: imagens da mulher em exposições de museus portugueses. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia, 2011. Disponível: <<https://www.revistas.usulofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4551>>. Acesso em 20/03/2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

VASCONCELOS, Cyndiane Escarlete Dias; AZEVEDO, Dênio Santos; ANDRADE, Talita Raquel. Turismo cultural no Palácio Museu Olímpio Campos: inclusão de surdos e uso da comunicação visual. *In: Anais do Seminário Museus, Cidades e Patrimônio*. Laranjeiras, 2013.